

## INTERCULTURALIDADE: A COMPLEXIDADE CONSTITUTIVA DE POLÍTICAS CULTURAIS

Hilário I. Bohn<sup>106</sup>  
Luiza Machado da Silva<sup>107</sup>

*Aqui há uma terra só, há só uma gente,  
seja do lado de cá, seja do lado de lá.*  
Aldyr. G. Schlee

### RESUMO

Uma das lições que o texto de Michel Certeau (1984) “Walking in the city” nos ensina que “caminhar na cidade” do século XXI tornou-se absorvente devido às inúmeras vitrines que oferecem produtos identitários irrecusáveis, tanto por seus valores intrínsecos e por sua beleza, como pelos significados que geram pertencimentos e obrigações. A modernidade já havia produzido as narrativas baseadas nas metáforas da racionalidade, depois substituídas pela ingerência do social na formação das subjetividades humanas. Estas foram, posteriormente, desarrumadas, de um lado pelas propostas freudianas de um ego tripartite entre o *id*, o *ego* e *superego* e, por outro lado, pelos fios discursivos do poder (foucaultiano) que perpassam a organização social e a constituição das subjetividades que organizam o tecido social. Finalmente, nas últimas décadas do século XX surgem os estudos feministas e linguísticos que tingem o social com o político e o ideológico. E dentro desta complexidade que se discute nesta apresentação a questão das “políticas culturais” que visam a desenvolver interculturalidade(s). Procuram-se definir algumas metáforas que podem produzir sentidos nesta “caminhada na cidade” que, pelo menos aparentemente, parece cada vez mais globalizada. Levanta-se um conjunto de argumentos que definem esta caminhada como conflituosa e politicamente (política definida como ação) complexa, exigindo dos órgãos governamentais, das comunidades e dos indivíduos iniciativas que construam pontes ente “eu”, “nós” e “eles”, “dentro” e “fora”, desenhando, assim, novos mapas em que “raça”, “gênero”, “etnia”, “língua”, “cultura” e “fronteira” sejam ressignificados sem perderem os traços da “diferença”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura; modernidade; políticas culturais; interculturalidade

### Introdução

Uma das lições que o texto de Michel Certeau (2008) “Walking in the city” nos ensina é que “caminhar na cidade” do século XXI tornou-se uma atividade absorvente devido às inúmeras vitrines que oferecem produtos identitários irrecusáveis ao longo do caminho, tanto por seus valores intrínsecos e beleza, como pelos significados envolvidos que geram pertencimentos e obrigações para o caminhante.

A modernidade produziu as narrativas baseadas nas metáforas da racionalidade, depois substituídas pela ingerência do social na formação das subjetividades humanas. Estas por sua

---

<sup>106</sup> Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), Doutor em Linguística Aplicada, e-mail: hinbohn@gmail.com

<sup>107</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), Mestre em Linguística Aplicada, Bolsista de Doutorado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e-mail: msluiza@hotmail.com

vez foram, posteriormente, desarrumadas, de um lado pelas propostas freudianas de um ego tripartite entre o *id*, o *ego* e *superego* e, por outro lado, pelos fios discursivos do poder (foucaultiano) que perpassam a organização social e a constituição das subjetividades que organizam o tecido social. Finalmente, nas últimas décadas do século XX, surgem os estudos feministas e linguísticos que tingem o social com o político e o ideológico.

É dentro desta complexidade que se discute brevemente neste texto a questão das “políticas culturais” que visam a desenvolver interculturalidade(s). Procuram-se definir algumas metáforas que podem produzir sentidos nesta “caminhada na cidade” que, pelo menos aparentemente, parece cada vez mais globalizada. Levanta-se um conjunto de argumentos que definem esta caminhada como conflituosa e politicamente complexa, exigindo dos órgãos governamentais, das comunidades e dos indivíduos iniciativas que construam pontes ente “eu”, “nós” e “eles”, “dentro” e “fora”, desenhando, assim, novos mapas em que “raça”, “gênero”, “etnia”, “língua”, “cultura” e “fronteira” sejam ressignificados sem perderem os traços da “diferença”.

Procura-se neste texto olhar a cultura, a interculturalidade no ambiente sulbrasileiro (claro também presentes ao longo das fronteiras paraguaias, dos países andinos, da Colômbia, Venezuela e das Guianas) em que as fronteiras diluem-se entre os passos apressados dos cruzamentos das ruas, das praças, nas pontes que separam margens, mas unem caminhos e nos campos e florestas em que as marcas da diferença a natureza esqueceu-se de produzir e os homens não se importaram de sinalizar.

Encontramos nestes “entrelugares” linguagens que se diferenciam, mas não de uma maneira tão “cortante” ou “afiada” como em outros espaços de interação entre etnias. Na fronteira, as palavras se enunciam na convivência que convida para o compartilhamento econômico, cultural, de sentimentos, de ritmos, cores que brotam de um chão similar ainda que a história guarde fatos de separação, dores de conflitos, batalhas frequentemente comandadas desde terras distantes, de hemisférios distintos que, mais recentemente, podem ser ignorados por causa dos processos de hibridização (BURKE, 2008) que a globalização institui em todas as esferas da convivência humana.

Pode-se afirmar que a hibridização invade a biologia, a cultura em todas as suas formas de manifestação material e imaterial (WOODWARD, 2007), incluindo-se a sutil tessitura do inconsciente (FREUD, 2008) e passando pela materialidade e imaterialidade cultural construídas nas histórias das comunidades humanas. Então, talvez tenha chegado o momento de os pesquisadores ingressarem nas ruelas obscuras e tortuosas da interculturalidade em que as culturas marcam encontros, para que se possa compreender porque nestes encontros

parecem aflorar mais frequentemente as quinas agudas das diferenças do que os abraços e convites da convivência.

## **2 Que cultura é esta que se traveste em interculturalidade?**

Cultura é uma palavra ardua que se recusa a enquadramentos rígidos, segundo Wagner o *inato* e o *controle humano* não simplesmente interagem, mas se *obviam* um ao outro de maneira dialética, afetam-se mutuamente, assim que *a causa do efeito é o efeito da causa* (2012, p. 368-369). Assim, quando Geertz (2012) discute a relação entre cultura e hominização em termos antropológicos chega a conclusões semelhantes as dos biólogos Varela e Maturana (2004) que em sua obra invertem a ordem dos processos da construção do *homo sapiens*, isto é, em vez de explicar a transformação do *homo* primitivo pela evolução naturalbiológica do crescimento do tamanho do cérebro, propõem que esta seria o produto dos processos culturais responsáveis pela sofisticada formação sináptica do cérebro humano.

Os autores, inclusive, sugerem que a linguagem origine-se nesses processos ou atividades culturais da espécie, como, por exemplo, pelas intimidades entre os sexos, pelos longos cuidados que os pais precisam dedicar aos seus infantes, por isolamentos devido a acidentes geográficos, ou ainda, por competitividades entre tribos rivais. Tudo isto teria levado a gestos de solidariedade, a necessidades de comunicação, desenvolvendo-se assim o sistema simbólico da linguagem como a conhecemos hoje, em suas diferentes formas de uso oral e escrita, inclusive a linguagem do mundo digital. Thompson (2000) afirma que a linguagem (particularmente através da mídia) seria ideologicamente responsável pelo conjunto de crenças, organização e coesão social como as reconhecemos na atualidade.

Os seres humanos não são, portanto, principalmente (ou somente) determinados pelo genótipo. Segundo Bauman, o equipamento inato do ser humano, por mais rico que seja, ainda deixa os homens despreparados para o modo humano de vida. Segundo o autor, “muitas pontas soltas podem ser amarradas de diversas formas diferentes, e determinantes naturais não favorecem qualquer das maneiras porventura escolhidas” (2012, p. 106).

As pontas às quais se refere Bauman certamente dizem respeito aos complexos processos identitários que diferenciam os indivíduos, os sexos, as etnias, as raças que, segundo Boas (2004), distinguem-se mais claramente pelos traços culturais do que pelas características corporais do cabelo, nariz, cor da pele etc. Voltamos, então, a algumas perguntas fundamentais sobre a natureza humana e a cultura. Segundo Eagleton (2005, p. 37-39), “A cultura não é alguma vaga fantasia de satisfação, mas um conjunto de potenciais produzidos pela história e que trabalham subversivamente dentro dela.”

O aspecto subversivo parece especialmente interessante (*importante*) porque o próprio Eagleton, na mesma obra (ibid, p. 45) admite que a cultura se “produz” e se “instala” no inconsciente como uma inconsciência, um conhecimento inconsciente, isto é, sem memória. Segundo o autor, a cultura “é aquilo que surge instintivamente, algo profundamente arraigado na carne em vez de concebido na mente”. O sujeito perde, assim, a sua fixidez, unificação e o controle de seus atos e significados, pelo menos parcialmente, porque estes seriam furtivamente comandados pelo inconsciente. Qual é então o papel e importância das escolas, dos governos, das instituições em geral, que elaboram documentos, organizam e propõem mapas a serem seguidos por seus subalternos? Como se definem as políticas de integração, da interculturalidade, tão caras e necessárias para os educadores, aos governos, aos donos do comércio global?

### **3 Políticas culturais e interculturalidade**

Como afirmado ao longo do texto, as noções de cultura, multicultural(idade) e intercultural(idade) são constitutivamente complexas tanto na sua formação (formações, produções culturais, multi e inter culturais) como nas suas vivências individuais na organização social das comunidades humanas. Estas vivências são tecidas e perpassadas pelas ideologias tanto para seus controles pelos estados, pelas ações e ordens judiciárias, como pelas pessoas que procuram os encaixes e identificações possíveis nas culturas, seja em seus aspectos hierárquicos e diferenciais, estruturais ou como práxis. Canclini (2013, 2010, 2009 e 2004) é talvez o autor que oferece a discussão mais completa desta problemática na América Latina.

Canclini (2013) discute a questão da globalização, resumindo a transposição das identidades modernas, por ele consideradas territoriais e geralmente monolíngues, para as pós-modernas, que se constituem pela lógica mercadológica capitalista, operadas pela produção industrial de cultura. As identidades e as comunidades de pertença pós-modernas, ao contrário daquelas que se baseavam num espaço restrito chamado “nação”, são transterritoriais e multilíngues, profundamente influenciadas pelo consumo.

As hibridações surgem, então, a partir das transterritorializações advindas da globalização, que permitem aos indivíduos o pertencimento a novas comunidades (CANCLINI, 2013). As narrativas híbridas e interculturais produzidas são permeadas pelas fissuras identitárias de sujeitos que, embora inconscientemente aceitem “novos convites”, não raro conscientemente lutam para desglobalizar-se, isto é, tentam (de forma utópica) centralizar as suas identidades e culturas como forma de “manter” e “resgatar” as culturas locais.

A fundição de diferentes culturas acaba por produzir novas formas culturais altamente complexas, dando origem a culturas híbridas,

As culturas seguem sendo originárias desses povos, mas vão se modificando com as trocas, com a modernidade, com o turismo, com o desenvolvimento capitalista e aprendem a reelaborar suas próprias culturas para conseguir vender seus produtos, ser escutados pelas autoridades locais e nacionais, tratar com os meios de comunicação.<sup>108</sup> (CANCLINI, 2011)

Canclini chama a atenção para o fato de que os sujeitos desejam “ser escutados pelas autoridades locais e nacionais”. Em consonância com estas ideias, Spivak (2012) discute a subalternidade da América Latina e os “silenciamentos” a que são submetidos os sujeitos do “Terceiro Mundo”, representados nas narrativas do mundo Ocidental do Hemisfério Norte. Spivak enfatiza o discurso Ocidental Norte. Suas ideias contribuem para refletirmos sobre as políticas interculturais que silenciam os organismos humanos envolvidos e que deveriam ser os primeiros a terem voz em quaisquer discussões e decisões acerca de políticas públicas que possam interferir nas suas vidas.

Dentro da perspectiva discutida neste texto, as políticas culturais e interculturais talvez sejam melhor definidas a partir da discussão que Rajagopalan (2013) apresenta em seu texto quando discute políticas linguísticas para os linguistas aplicados brasileiros. Segundo o autor, a política seria “a arte de conduzir as reflexões em torno de línguas específicas, com o intuito de conduzir ações concretas de interesse público relativo à(s) língua(s) que importa(m) para o povo de uma nação, de um estado ou ainda, instâncias transnacionais maiores” (p.21). É importante salientar que na definição de Rajagopalan, a noção da metáfora da “ARTE” envolve sentimento, traços e cores esteticamente delineados, distribuídos para produzirem determinadas emoções, sentimentos nos expectadores. Nesta perspectiva, o mínimo que se poderia exigir das políticas culturais-interculturais seria que incluíssem as vozes da comunidade para as quais são definidas.

A partir da perspectiva gramsciana, para garantir o mínimo de sucesso de uma iniciativa revolucionária, seria necessário a participação dos intelectuais orgânicos e históricos no processo decisório. Bohn (2013) também sugere que a ação política seja acompanhada pela “leveza do pensamento”, conforme sugerido por Calvino (1994) leveza que seria necessária, segundo Rojo (2013), para “compreender, interpretar e interferir nas realidades complexas representadas pelas práticas sociais situadas.” Bohn acrescenta: “A leveza também poderia facilitar as rupturas, porque assim permite ausentar-se da casa de que nos fala Adorno, sem a urgente necessidade ou possibilidade de voltar à mesma casa” ( p. 213).

---

<sup>108</sup>Tradução livre de “Las culturas siguen siendo originarias de esos pueblos pero van modificando con el intercambio, con la modernidad, con el turismo, con el desarrollo capitalista y van aprendiendo a reelaborar sus propias culturas, para lograr vender sus productos, ser escuchados por las autoridades locales y nacionales, tratar con los medios de comunicación.”

#### 4 Palavras de conclusão

Este breve texto convidou à reflexão sobre cultura, intercultural e políticas culturais e interculturais. O convite à reflexão sugere a complexidade em definir ou tentar definir conceitos que se liquefazem com tanta facilidade. Assim, pensar em políticas interculturais pressupõe colocar em prática políticas que não sejam regulatórias, limitadas e, principalmente, que não reduzam as culturas e interculturais a conceitos fechados.

O desafio de estabelecer políticas interculturais é exemplificado por White quando utiliza a expressão “cultura Sêneca”. Com esta expressão a autora se refere “a parte da cultura humana que está associada a uma tribo chamada Sêneca em um tempo e lugar específicos” (WHITE, 2009, p. 64). A autora salienta que é necessário datar a “cultura Sêneca” porque a cultura do grupo Sêneca de 1500 é diferente da cultura do grupo Sêneca de 1600. Ela também se pergunta: seria possível caracterizar a cultura do grupo? O que não caracterizaria, então, a mesma cultura?

White usou como exemplo os índios que viviam na região do atual estado de Nova York. As comunidades de pertença hoje são muito mais dinâmicas seja pela globalização, pelas fronteiras facilmente transpostas, seja pela tecnologia que nos une a qualquer lugar do mundo por um único clique. Parece cada vez mais complicado estabelecer políticas interculturais que dêem conta das mobilizações e fragmentações aceleradas dos indivíduos e das culturas produzidas por eles. Talvez a resposta que menos imponha e mais contribua para esta questão seja a leveza como facilitadora das rupturas (BOHN, 2013) e o entendimento de que a casa como um porto seguro seja apenas um lugar de contemplação, um lugar imaginado, a construção de uma realidade necessária para que os sujeitos humanos possam encontrar algum conforto.

#### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012 (1999).

BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Tradução Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOHN, Hilário I. Pós-fácio. In NICOLAIDES, C., SILVA, K. A. da, TILIO, R. e ROCHA, C. H. (Orgs.) *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2013, 307-324.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução de Leila S. Mendes. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, Coleção Aldus, 2008 (2003).

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso, 2ª. Edição. S. Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994.

CANCLINI, Néstor G. *Culturas híbridas*. Tradução Ana R. Lessa e Heloísa P. Cintrão. São Paulo, SP: Edusp, 4ª. Edição, 2013 (2003).

----- *Néstor García Canclini Vida y obra (1/2)*. Entrevista. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Zy6cb3Q9xO4>>. Acesso em: 22. Out. 2013.

----- *A globalização imaginada*. Tradução Sérgio Molina. São Paulo, SP: 2010 (2003).

----- *Diferentes, desiguais e desconectados – mapas da interculturalidade*. Tradução Luiz S. Henriques. 3ª. Edição. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009 (2004).

CERTEAU, Michel de. *Walking in the city*, 1974. In BADMINGTON, N. e THOMAS, J. (eds.). *The Routledge critical and cultural theory reader*. NY: Routledge, 2008, 149-166.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução Sandra C. Branco. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2005.

FREUD, Sigmund. *A note on the unconscious in psychoanalysis*, 1912. In BADMINGTON, N. e THOMAS, J. (eds.). *The Routledge critical and cultural theory reader*. NY: Routledge, 2008, 10-15.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução pela Editora. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: LTC, 2012 (1971).

MATURANA, Humberto R. e VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento – as bases biológicas da compreensão humana*. Tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004 (1984).

MAZZEI, Enrique. *Fronteras que nos unen y límites que nos separan*. Universidad de la Republica, imprenta CBA, Uruguay, 2013.

RAJACOPALAN, Kanavillil. *Política linguística: de que é que se trata, afinal?* In NICOLAIDES, C., SILVA, K. A. da, TILIO, R. e ROCHA, C. H. (Orgs.) *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2013, 19-42.

ROJO, Roxane. *Caminhos para a LA: Política linguística, política e globalização*. In NICOLAIDES, C., SILVA, K. A. da, TILIO, R. e ROCHA, C. H. (Orgs.) *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2013, 63-78.

SCHLEE, Aldyr G. *Uma terra só – contos*. 2ª. Edição. Porto Alegre: Edições Ardotempo, 2011.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra R. Goulart Almeida, Marcos P. Feitosa, André P. Feitosa. 1ª reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012 (2010).

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna – teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 5ª. Edição. Tradução Pedrinho Guareschi et al. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000 (1990).

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. 2ª. Edição. Tradução Marcela C. de Sousa e Alexandre Morales. São Paulo SP: Cosak Naify, 2012 (1981).

WHITE, Leslie; DILLINGHAM, Beth. *O conceito de cultura*. Tradução Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

WOODWARD, Ian. *Understanding material culture*. London: Sage Publication Ltd. 2007.